

Delfim diz que crescimento vai continuar

São Paulo — "Não creio que essas medidas sejam recessivas. Elas vão permitir que o Brasil continue crescendo, como vem crescendo, sem uma aceleração do nível dos preços", assegurou, ontem, o Ministro do Planejamento, Delfim Neto, referindo-se às medidas adotadas na quarta-feira pelo Conselho Monetário Nacional.

Ele reconheceu que "o caminho ideal" seria realmente cortar ainda mais as despesas públicas — como observaram alguns empresários — e dar espaço para fazer o controle monetário sem apertar o setor privado. Isso não aconteceu, entretanto, porque o setor público "já foi apertado tanto quanto possível" e restava somente a alternativa de "avançar um pouquinho sobre o crédito do setor privado". Na entrevista que concedeu ontem ao jornalista Edson di Fonzo, da RÁDIO JORNAL DO BRASIL e da rádio Jovem Pan, Delfim Neto negou que haja um arrocho de crédito e que as medidas do CMN possam pressionar para cima as taxas de juros.

— Ainda que possam elevar as taxas de juros, esse efeito será pequeno, porque as medidas produzem ao mesmo tempo uma redução da demanda de moeda. Não creio que haja arrocho de crédito. O que há realmente é um restabelecimento do controle sobre a base monetária. Ainda que seja desagradável, era absolutamente necessário. Se desejarmos reduzir a inflação, vamos ter que controlar a base monetária. Infelizmente, o crescimento das reservas cambiais — o que é um fato positivo — produz uma ampliação muito rápida da base monetária e isso põe em risco a política antiinflacionária. O desejo do Governo é que a inflação também diminua — afirmou Delfim.

Otimismo

O Ministro destacou, referindo-se ainda às medidas do CMN, que "as coisas estão na direção certa", observando que o Brasil voltou a crescer; o desemprego está

diminuindo; o comércio exterior produzindo os superávits necessários; e, agora, é preciso um movimento positivo na direção do combate à inflação.

— Ouví vários economistas e empresários dizerem que 1984 seria o ano da maior depressão que o Brasil iria conhecer. Aconteceu justamente o oposto, ou seja, aquilo que tinha sido previsto pelo Governo: o crescimento voltou; o desemprego está diminuindo e o saldo da balança comercial revela que a política está correta. Era portanto necessário manter o controle sobre a oferta monetária, porque essa será a única forma de conseguir, no futuro, um resultado também importante no combate à inflação — comentou.

Nos contatos que manteve na sua última viagem à Europa, o Ministro disse ter constatado que a imagem atual do Brasil no exterior é medida por dois indicadores: o sucesso na balança comercial, no que o país "tem nota dez", e o problema da inflação, onde a nota "é muito baixa".

Defendendo uma política salarial como "absolutamente necessária" Delfim Neto manifestou esperanças de que as negociações em andamento através das lideranças políticas do Congresso possam resultar numa "política salarial adequada às necessidades que temos" (a entrevista foi anterior à decisão de ontem do Congresso). Ele advertiu que a política salarial deve manter "uma razoável ordem na economia brasileira" e revelou sua preferência por uma proposta "alguma coisa parecida com o 2045".

Previdência

O problema financeiro da Previdência, disse ele, está sendo resolvido de comum acordo entre os Ministérios do Planejamento e da Previdência: de um lado o Planejamento tentando obter recursos e de outro, o Ministro Jarbas Passarinho empenhado em cortar as despesas. "A combinação desses dois esforços é que vai produzir o resultado". Negou a existência de qual-

quer divergência entre ele e o Ministro Jarbas Passarinho.

No final da entrevista, Delfim Neto dirigiu uma mensagem especial, através da RÁDIO JORNAL DO BRASIL, aos empresários do Rio de Janeiro: "Ainda que algumas pessoas não concordem com essa ou aquela política, não creio que haja divergência quanto à necessidade de termos uma política de grande austeridade na condução dos negócios públicos para a solução dos problemas que estamos vivendo. Por isso espero que continuem ajudando-nos a resolver os problemas brasileiros".

— Resolvemos já alguns problemas: o grande problema do desequilíbrio externo está resolvido; o gravíssimo problema da matriz energética está praticamente sendo resolvido; aquilo que parecia um sonho — o superávit da balança comercial — está acontecendo. Que todos agora ajudem na derradeira meta que é reduzir a inflação — concluiu.